

O Fluxo e a Rocha: Modernidade Líquida e a Busca da Verdade à luz da “Dei Verbum”

*The Flow and the Rock:
Liquid Life and the Search for Truth in the Light of
“Dei Verbum”*

José Neivaldo de Souza

Resumo

O sociólogo Zygmunt Bauman cunhou o termo “Modernidade Líquida” para descrever a fluidez das relações humanas e a instabilidade das instituições na sociedade contemporânea. Essa realidade gera incertezas, excesso de responsabilidade pessoal e substituição de vínculos emocionais pelo consumo. A teologia bíblica, especialmente apresentada na Constituição dogmática “Dei Verbum”, da Igreja Católica, oferece uma resposta espiritual e crítica a essa fragmentação da verdade. Promulgado em 1965 pelo Papa Paulo VI, o texto busca centralizar a Sagrada Escritura, garantir interpretações seguras e tornar a Palavra de Deus acessível a todos. O artigo propõe três eixos: análise da modernidade líquida, apresentação da “Dei Verbum” e ações práticas para enfrentar os desafios atuais à luz da fé. A metodologia baseia-se em revisão bibliográfica, visando fortalecer a compreensão da revelação divina e oferecer sentido à vida moderna.

Palavras-chave: Modernidade Líquida. Dei Verbum. Sagrada Escritura. Interpretação. Verdade.

Abstract

The Polish sociologist Zygmunt Bauman coined the term “Liquid Modernity” to describe the fluidity of human relationships and the instability of institutions in contemporary society. This reality brings uncertainty, excessive personal responsibility, and the replacement of emotional bonds with consumerism. Biblical theology, especially the Catholic Church’s document *Dei Verbum*, offers a spiritual and critical response to this fragmentation. Promulgated in 1965 by Pope Paul VI, the text aims to centralize Sacred Scripture, ensure reliable interpretations, and make God’s Word accessible to all. The article is structured around three axes: analysis of liquid modernity, presentation of *Dei Verbum*, and practical actions to face current challenges through faith. The methodology is based on bibliographic review, seeking to strengthen understanding of divine revelation and offer meaning to modern life.

Keywords: Liquid Modernity. *Dei Verbum*. Sacred Scripture. Interpretation. Truth.

Introdução

Como compreender a busca pela verdade à luz da Constituição Dogmática *Dei Verbum* num contexto social denominado por Zygmunt Bauman como: “Modernidade líquida”? Este termo trata dos desafios diante de profundas transformações na sociedade contemporânea a partir de 1960. Tais transformações dizem respeito à “fluidez” das relações humanas ou “vida líquida” contrastando com modernidade “sólida”, era marcada por estruturas estáveis e instituições sociais duradouras. Para este autor, apesar de mais liberdade, o ser humano se vê diante de incertezas e demasiada responsabilidade pessoal, substituindo a necessidade de conexão emocional pelo consumo do supérfluo, forma de preencher o vazio que o invade. Esta nova realidade se aplica à cultura, à religião, à política, às redes sociais etc. e clama por uma reação que seja mais segura e perene ao ser humano.

A teologia Bíblica, partindo desta realidade, propõe uma retomada do documento eclesiástico *Dei Verbum* que trata a Bíblia como Palavra de Deus

revelada à humanidade. Mostra como ela é inspirada, transmitida e praticada numa sociedade fragmentada carente de princípios sólidos, conexões emocionais seguras e confiantes. A *Dei Verbum* surgiu na década de 60 como uma reação teológica e pastoral. Diante de uma situação de medo e divisão, criado pela guerra fria e de mudanças científicas e tecnológicas, João XXIII viu a necessidade de um *aggiornamento*, termo italiano que significa “atualização”, palavra-chave do Concílio Vaticano II para indicar a renovação da fé tornando-a mais aberta aos desafios do mundo moderno.

Dei Verbum, do latim, Palavra de Deus, foi promulgada em 18 de novembro de 1965 pelo Papa Paulo VI com o objetivo de centralizar a Sagrada Escritura e garantir interpretações seguras acerca da Revelação divina e as verdades que asseguram a fé cristã. Em um mundo de incertezas, ela se propôs, através desta comunicação, preservar a fé nas certezas bíblicas,¹ sem desvalorizar os avanços acadêmicos e os novos desafios das interpretações modernas. Assim, a Bíblia devia ser acessível não só aos teólogos e sacerdotes, mas a todo povo cristão em busca de uma espiritualidade mais libertadora. Após sessenta anos a tradição e o Magistério eclesiástico atualizam suas orientações. Fazem chegar aos fiéis algumas orientações de leitura comprometida a fé, com a verdade de Deus e com a comunhão cristã.

Dito isso, este artigo se propõe a percorrer um caminho. Aproximando-se do método ver, julgar e agir, o artigo se estrutura da seguinte forma: 1. A Modernidade Líquida e a busca da verdade: definição e características; análise da influência da Modernidade Líquida no apelo por verdades e significado; como a Modernidade Líquida afeta a vida pessoal e social. 2. A *Dei Verbum*: apresentação e importância para a Igreja Católica; análise da perspectiva teológica sobre a revelação divina e a busca da verdade; como a *Dei Verbum* pode ser aplicada na vida pessoal e comunitária. 3. Ações para Lidar com a Modernidade Líquida à Luz de *Dei Verbum*: propostas práticas para que as pessoas possam lidar com a Modernidade Líquida, buscando a verdade e sentido de vida; como essas ações podem ser implementadas na vida das pessoas e na sociedade.

Trata-se de uma revisão bibliográfica acerca da relação Modernidade Líquida e a leitura da Sagrada Escritura, considerando como textos principais:

¹ DV 11.

a *Vida Líquida* de Zygmunt Bauman (2009) e a Constituição Dogmática *Dei Verbum*. Outras referências ajudam a tratar do confronto e do diálogo entre revelação e vida; uma hermenêutica que articula fé e razão, teologia e filosofia. É uma reflexão que considera observar esta realidade, pensá-la à luz da *Dei Verbum*, e traçar ações pastorais, trazendo mais segurança e solidez na interpretação da Palavra de Deus. Nesta esteira, o que se espera é: maior compreensão acerca da *vida líquida*; maior entendimento da *Dei Verbum* enquanto orientação de leitura bíblica; buscar ações que ajudem pessoas a se fortalecerem na fé e na busca de sentido de vida.

1. A Modernidade Líquida e a busca da verdade

Quando se trata de definir o que é Modernidade Líquida e suas características, o assunto requer mais profundidade. O que se propõe aqui é trazer o tema tomando como apoio bibliográfico a obra de Bauman: “Vida Líquida”. Para este autor, a definição é ampla já que é uma fase da modernidade onde se constata a fluidez das coisas e da vida, exigindo dos indivíduos um grande esforço para se encaixar na oferta e demanda desta realidade:

A “Vida líquida” e a “modernidade líquida” estão intimamente ligadas. A “vida líquida” é uma forma de vida que tende a ser levada adiante numa sociedade líquido-moderna. “Líquido-moderna” é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A Liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente.²

Ao tratar o problema da Verdade, num contexto de Modernidade líquida, pode-se pensá-la como um “choque”. De um lado o anseio por certezas sólidas, do outro a realidade impactada pela fluidez das coisas. Para Zygmunt Bauman a Modernidade Líquida substitui verdades perenes e absolutas por verdades provisórias ou imprevisíveis. Ele quer ressaltar a imprevisibilidade, insegurança, individualismo, precarização das relações, fragilidade dos laços afetivos e profissionais, competição econômica e consumo. Não são poucas as

² BAUMAN, Z., *Vida Líquida*, p. 7.

pessoas que sofrem ansiedade, solidão e falta de sentido e buscam por uma espiritualidade que propõe verdades previsíveis e que assegure vínculos afetivos reais. É este choque de realidade que Bauman³ analisa, eis alguns pontos importantes para esta análise:

1. *Fragmentação e perda de referências de instituições tradicionais.* Para este autor, “Na sociedade de consumidores, os vínculos são frágeis e temporários. A identidade é construída e reconstruída por meio das escolhas de consumo, e não mais por instituições duradouras como a família, a religião ou o Estado”.⁴ Entende-se que a autoridade, como fonte de verdade, fica sujeita ao mercado, gerando no ser humano uma insegurança na construção da própria identidade. A verdade, aos moldes do mercado, passa a ser algo imediato, relativo e descartável: “em um mundo repleto de consumidores e produtos, a vida flutua desconfortavelmente entre os prazeres do consumo e os horrores do lixo”.⁵
2. *Vazio existencial e insegurança* em relação às verdades provocam o desejo de autenticidade. Nisso, não são poucos os que buscam na espiritualidade, ou em algum tipo de filosofia, verdades que ajudem a alma a conectar-se: “O caminho que leva à identidade é uma batalha em curso e uma luta interminável entre o desejo de liberdade e a necessidade de segurança, assombrada pelo medo da solidão e o pavor da incapacidade”.⁶
3. *A ética como resposta.* Diante desta realidade, deste progressivo enfraquecimento ou desintegração “da densa rede de vínculos sociais que amarrava com força a totalidade das atividades da vida”,⁷ urge construir vínculos fixos, duradouros, responsáveis e de cuidado com o outro. Neste ambiente, onde o indivíduo, sem maturidade e capacidade crítica, procura construir sua própria verdade, surgem oportunidades para a espiritualidade, para uma literatura que revela Deus e oferece princípios éticos duradouros.

³ Para uma análise mais apurada: BAUMAN, Z., Modernidade líquida.

⁴ BAUMAN, Z., Modernidade Líquida, p. 47.

⁵ BAUMAN, Z., Vida Líquida, p. 17.

⁶ BAUMAN, Z., Vida Líquida, p. 44.

⁷ BAUMAN, Z., Vida Líquida, p. 31.

A Modernidade Líquida afeta a vida pessoal e social. Afeta a vida quando o indivíduo, confuso em meio a várias versões de si, busca se adaptar ao que lhe chega de imediato, prejudicando seus vínculos afetivos, gerando uma sensação de fracasso. Também, nas relações sociais, lugares como família, religião, escola e Estado perdem o status de estabilidade e orientação. Considerando a fragmentação na vida pessoal e social o que se produz é uma cultura da superficialidade onde as pessoas valem por aquilo que tem e não por aquilo que é. Habermas⁸, seguindo esta reflexão, fala da secularização. Observa que é a era em que se “disputa” as verdades como se um só tivesse que ganhar às custas do outro: de um lado, a modernidade, sob o poder mundano, busca domesticar a autoridade eclesiástica e substituir as doutrinas religiosas por equivalentes racionais e liberais como, por exemplo, as forças produtivas da ciência e da técnica; e, do outro, o descrédito da religião e da Igreja nestas formas modernas como se seus bens fossem roubados ilicitamente. A Igreja não tem que renunciar às suas verdades de fé às imposições violentas do capitalismo liberal, mas em seu discernimento, trazer suas reflexões para o diálogo em uma sociedade cada vez mais secularizante: encontrar-se com outras religiões; adaptar-se à autoridade do saber científico e adequar-se ao Estado constitucional de moral profana.

A Igreja, ao se atualizar, propondo uma hermenêutica bíblica que seja dialogal, sem perder sua tradição ético-espiritual, oferece um caminho seguro em contraste às indecisões do indivíduo em relação às instituições que mais se parecem mercados momentâneos. Diante da certeza das incertezas, o indivíduo anseia por referências sólidas. Nesta direção, diria o filósofo Luc Ferry: “pois podemos lidar com a verdade ao passo que a ilusão nos enlouquece”.⁹ Apesar da liquidez das ilusões, há espaço para uma espiritualidade enraizada, capaz de visitar a Bíblia como inspiração de verdades perenes e interpretá-la em vista de um contexto social que clama por valores éticos de justiça e misericórdia (Mt 23,23). A fé, em diálogo com a razão leva o sujeito a lamentar menos e amar mais.

⁸ HABERMAS, J., Fé e Saber, p. 5-7.

⁹ FERRY, L., A Tentação do Cristianismo, p. 104.

2. A revelação como dom divino e permanente

Como foi visto acima, é neste espaço, em meio ao relativismo da Modernidade Líquida, desejoso da Verdade e de verdades, que a Constituição Dogmática *Dei Verbum* se oferece como uma orientação sólida acerca da compreensão da Sagrada Escritura enquanto revelação da Verdade: “Santifica-os na Verdade; a tua Palavra é a Verdade” (Jo 17,17). A *Dei Verbum* apresenta o texto sagrado como um caminho firme, eficaz e inerrante, no sentido de não perecível, não instável, incapaz de oferecer pedra aos que têm fome de pão. Um caminho lúcido em direção à verdade revelada em Jesus Cristo. O filósofo Luc Ferry escreveu: “acredito que a lucidez é superior a tudo e que é melhor preferir uma má notícia verdadeira a uma boa notícia falsa”.¹⁰ Melhor ainda, como acredita a *Dei Verbum*, é a boa notícia da verdade que liberta.

O objetivo geral se explicita em alguns objetivos específicos: esclarecer a natureza da Revelação que se manifesta na Palavra inspirada e na pessoa de Cristo; transmitir, explicar e promover esta verdade com a finalidade de salvação. Assim, o fiel é instigado a compreender a verdade revelada nos textos e nos diversos contextos bíblicos. Neste sentido, pode-se concordar que tal compreensão é também compreensão de si na medida em que o leitor se apropria do seu sentido.¹¹

Igreja e tradição se apropriaram do texto sagrado a fim de aprofundar sua relação com Deus, como bem escreve a *Pontifícia Comissão Bíblica*: “O lugar habitual da leitura bíblica é a igreja, no decorrer da liturgia. É por isso que a interpretação proposta é sempre de natureza teológica, pastoral e teologal, a serviço das comunidades e dos fiéis individuais”.¹² Neste caminho segue a *Dei Verbum*: oferece subsídios de interpretação para que a Igreja se empenhe numa ética de comunhão consigo, com o outro e com o “Ser” eterno. O Cardeal Ratzinger, ao tratar da interpretação bíblica, exaltou a *Dei Verbum* observando que “este documento nos presenteou com uma síntese, que permanece

¹⁰ FERRY, L., A Tentação do Cristianismo, p. 104.

¹¹ VERGOTE, A., Apport des données psychanalytiques à l’exegete, p. 109-173.

¹² PONTIFÍCIA COMIÇÃO BÍBLICA, A Interpretação da Bíblia na Igreja, 260.

determinante, constituída pelas intuições perenes da teologia dos Santos Padres e pelos novos conhecimentos metodológicos modernos”.¹³

Numa ligeira análise, pode-se perceber que o documento se orienta a partir de algumas perguntas: qual é a natureza e objeto da revelação divina? Qual é o papel da Escritura Sagrada na transmissão da revelação? E a Igreja, qual é sua missão diante da verdade que recebe acerca desta revelação?

1. *Revelação Divina*. Ao tratar da natureza e objeto da revelação divina, a *Dei Verbum* quer fortalecer a fé na Santíssima Trindade, exemplo de amor e comunhão, tornando-a mais racional e menos ingênuo no caminho de salvação. Sob os estudos das cartas de São Paulo aos Efésios e Romanos, ela ensina que a revelação não é uma mera projeção do indivíduo em relação aos seus interesses próprios, mas uma verdade que, historicamente, se dá à humanidade. Deus se deixa conhecer “pela luz natural da razão a partir das criaturas” (Rm 1,20). Em outras palavras, é Ele que inspira no caminho e na espera da salvação (Ml 3,1; Mt 11,10). Cabe ao ser humano, na dinâmica da fé, buscar o “obséquio pleno da inteligência e da vontade”.¹⁴

Deus é proposta, a fé é resposta. Pela fé os apóstolos tiveram acesso à revelação ao encontrarem-se com o Verbo encarnado na pessoa Jesus Cristo. Pela força do Espírito Santo transmitiram-na formando comunidades que se orientavam e continuam se orientando à luz da Santíssima Trindade. A verdade da revelação se espalhou fazendo discípulos, formando comunidades e lideranças, com seus bispos e sucessores, a fim de conservar e transmitir a boa nova a todas as nações (Mt 28,19). Neste sentido, observa a *Dei Verbum*, a tradição da Igreja tem a missão de espelhar e fortalecer a fé na revelação: “a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita”.¹⁵ A relação, Sagrada Tradição e Sagrada Escritura derivam da mesma fonte divina e se complementam ao serem confiados ao magistério da Igreja. A *Dei Verbum* reconhece o esforço da Igreja

¹³ PONTIFÍCIA COMIÇÃO BÍBLICA, A Interpretação da Bíblia na Igreja, 260.

¹⁴ DV 5.

¹⁵ DV 7, 8.

que, à luz do Espírito de verdade, em inteligência e vontade, comprehende, ensina e transmite os princípios perenes da Escritura Sagrada.¹⁶

2. *A Sagrada Escritura na transmissão da revelação.* Antigo e Novo Testamentos são considerados livros canônicos, pois foram inspirados por Deus. Cabe à Igreja comprehê-los e interpretá-los com “o mesmo espírito com que foram escritos, atenta à verdade dos diversos gêneros literários: “tudo quanto diz respeito à interpretação da Escritura, está sujeito ao juízo último da Igreja, que tem o divino mandato e o ministério de guardar e interpretar a palavra de Deus”.¹⁷ Importante observar que a *Dei Verbum* não trata a Bíblia como instrumento de poder, controle dos fiéis ou exclusividade da hierarquia eclesiástica. A Escritura é luz que ilumina o caminho, porém é preciso continuar caminhando, buscando a verdade, ainda que não a tenha encontrado. Luc Ferry, que se diz sem fé, ilustra bem isso: “Não sou crente, mas sempre digo que se for preciso escolher um dentre todos os livros para levar para uma ilha deserta, é o Evangelho de João que eu levo sem hesitar”.¹⁸

A *Dei Verbum* apresenta a Escritura à fé dos cristãos conservando-a como valor perene e se responsabilizando por sua transmissão às gerações de convertidos e não convertidos. Ao abordar os dois testamentos, ela observa que o Antigo Testamento, em seus diversos gêneros e estilos literários, foi destinado a preparar o caminho e anunciar profeticamente a revelação divina em Cristo.¹⁹ E o Novo Testamento, enquanto testemunho da revelação, realiza as expectativas profetizadas ou prenunciadas do passado. Enquanto guardiã da Sagrada Escritura, a Igreja preza pelo Primeiro Testamento, apesar de priorizar o Segundo, isto é, os quatro evangelhos, as epístolas e outros escritos, inspirados pelo Espírito Santo, pois comunicam a verdade acerca do Verbo encarnado e sua obra nos começos das comunidades cristãs.²⁰ A Igreja, partindo desta certeza, prega a unidade da Escritura Sagrada retomando uma verdade antiga, ressaltada por Santo Agostinho: o Novo Testamento já está presente de

¹⁶ DV 9-10.

¹⁷ DV 12.

¹⁸ FERRY, L., A Tentação do Cristianismo, p. 102.

¹⁹ DV 15.

²⁰ DV 19.

forma implícita no Antigo, e este se torna claro à luz do Novo.²¹ A *Dei Verbum* retoma esta verdade ao observar que Deus inspira os dois livros: “o Novo Testamento está latente no Antigo, e o Antigo está patente no Novo”.²²

3. Igreja: guardiã da verdade revelada. A Igreja, em seu testemunho e pregação, se alimenta e se deixa guiar pela Sagrada Escritura. Ela a venera e preza por estudá-la, interpretá-la e comunicá-la. Para isso, acolheu, segundo a *Dei Verbum*, desde os seus primórdios, diversas traduções como: a Septuaginta, a hebraica, a Vulgata e outras que, traduzidas em várias línguas, facilitaram e facilitam o acesso daqueles que, pela fé, a acolhem como Palavra de Deus.²³ Ela considera a exegese dos primeiros teólogos cristãos, da Patrística, como base da tradição e encoraja, como encorajou, estudiosos que, na história do magistério eclesiástico, se comprometeram a estudar, aprender e explicar as divinas letras, tanto para cristãos quanto para não-cristãos. A teologia bíblica, a serviço da autoridade eclesiástica, se apoia na Sagrada Escritura e na Tradição, afirmando a Bíblia como texto revelador da vontade divina; ela é a alma de uma Teologia²⁴ comprometida com a verdade, cada vez mais fortalecida em teoria, oração e ação. Tudo isso, “a fim de que nenhum deles se torne “pregador vazio e superficial da Palavra de Deus, por não a ouvir de dentro”.²⁵

A *Dei Verbum* acredita que a leitura bíblica deve se construir não só a partir do lugar da fé, mas também do lugar da realidade social. Nos primeiros séculos, os doutores da Igreja interpretavam a Bíblia partir de dois óculos: um olha para traz, para o passado, onde Deus se manifestou e os primeiros pais deram testemunho desta revelação; o outro, enxerga à frente, o presente. À luz dos textos sagrados, segue a tradição eclesiástica, “detecta os desafios que a realidade sócio-histórica coloca e se preocupa em articular fé com vida”.²⁶

Em síntese, a Constituição *Dei Verbum* traz como foco a Palavra de Deus, sua importância para a fé na revelação e na divulgação desta verdade. A Sagrada Escritura é considerada pela Igreja como livro canônico. É abordada

²¹ AGOSTINHO, Questões sobre o Heptateuco, p. 73.

²² DV 16.

²³ DV 22.

²⁴ DV 24.

²⁵ DV 25.

²⁶ BOFF, L., A Fé na Periferia do Mundo, p. 7.

estudada cuidadosamente por exegetas e teólogos com o intuito de aprofundar as narrativas em seus diversos contextos sócio-históricos e transmiti-las na comunhão com Deus em Cristo Jesus. Diante dos cenários justapostos, torna-se urgente uma linha de ação pastoral que considere a revelação como uma verdade perene diante dos desafios líquidos da Modernidade.

3. Do Fluxo à Rocha: ações pastorais para uma “Vida Líquida”

Fluxo e Rocha são metáforas, figuras de linguagem utilizadas para comparar ou assemelhar dois elementos. Ela faz transitar o sentido dos termos de forma poética ou expressiva. O sentido do termo “fluxo” diz respeito à liquidez ou rapidez com que as coisas, pessoas e valores se transformam. “Rocha” é uma palavra carregada de sentidos. Aqui, trata-se de ir além da “pedra” em si. A poetiza Adélia Prado expressou bem esta metáfora ao dizer: “De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra, vejo pedra mesmo”. A metáfora da rocha trata da vida. Sem o simbólico, ou o sentido que a transcende, ela parece crua e nua, sem beleza e encantamento.²⁷ No evangelho de Mateus (Mt 16,18) Cristo é como a “rocha” sobre a qual se constrói vida abundante.

Esta justaposição leva a uma pergunta: Qual é o direcionamento da *Dei Verbum* frente à complexidade da Modernidade líquida? Aqui são apresentadas algumas linhas de ação pastoral com o objetivo de encontrar uma resposta. Entende-se por *ação* o ato de colocar em prática ou resolver um determinado problema. Foram mencionados alguns problemas. Não cabe aqui uma análise exaustiva acerca da vida líquida tratada por Bauman. Há questões referentes à existência que interessam à prática cristã e a *Dei Verbum* procura orientar quando se trata da relação do ser humano com ele mesmo, com Deus e o mundo. Uma relação que nos remete “respectivamente ao *desejo*, à *carência* e à *demand*”²⁸

Em teologia o ato de responder, não se reduz à fé comum, ela busca auxílio da razão e seu instrumental filosófico. É um esforço da vontade e da inteligência, ligado à Tradição e à Igreja. É ato de elaboração, concepção, conceituação e resolução do problema. O mundo e o outro entram no problema,

²⁷ PRADO, A., O coração disparado, p. 59.

²⁸ MEYER, M., Ação, p. 69.

mas o *Outro*²⁹ é a fonte de onde partem as respostas e, por conseguinte, a ação. Como escreveu Tomasset: “o agir surge como “ato conclusivo” gerado pelo acontecimento e pela conversão”.³⁰

A tendência da Modernidade ao fluxo pragmático leva a uma questão a ser repensada: as opiniões individuais traduzem a verdade? Neste contexto, em “que a problemática do poder ou da eficácia substitui a da verdade, o *verdadeiro* ou *discurso forte* poderão facilmente ser identificados ao útil, e é justamente assim que o pragmatismo tenciona assumir a mensagem do relativismo”.³¹ É frente a esta questão filosófica que a Igreja procura se afirmar na rocha da tradição bíblica. Deve-se considerar, em teologia, particularmente a católica, que uma opinião acerca das verdades da fé é medida por sua tradição histórica e a contínua capacidade de universalização ou atualização de tais verdades: a salvação é para a humanidade e não regalia de indivíduos isolados.

É importante reconhecer que o problema de Deus e o modo como ele se revela é formulado universalmente, e as religiões o tomam com mais frequência. A questão é: a opinião individual, sem fundamentos bíblico-teológicos, pode levar a uma “subjetivação” do universal ou a uma “objetivação” do que é meramente subjetivo? Em ambos os casos, a opinião periga impostar um Deus abstrato e exterior, seja como um cumpridor de demandas pessoais ou um Juiz ameaçador, cujo poder aterroriza a almas incautas. De uma forma ou de outra, a questão da revelação é interpretada e formulada como uma resposta à fé. O ser do “Eu”, à luz da fé, é medido desde o momento em que apreende a ideia do “Outro”, o Ser eterno. Edith Stein se direciona pela fenomenologia da pessoa, um método de acesso à experiência da revelação. Pela empatia ela oferece uma chave filosófica de interpretação da Dei Verbum, ao mostrar que a pessoa pode se abrir ao outro e ao Outro absoluto e ser transformado por ele. Isso reforça a visão conciliar da revelação enquanto vivência que se transmite em linguagem humana e é acolhida existencialmente

²⁹ O *Outro* é mencionado aqui como o absoluto. Ainda que na tentativa de destituir, no pensamento Pós-moderno, tudo o que refere aos universais, permanece sempre a falta que impulsiona e o desejo de sentido.

³⁰ TOMASSET, A., Paul Ricoeur e a Bíblia, p. 109.

³¹ MAYET, L., Verdade, p. 93.

na fé.³² Através da empatia o crente acolhe a Palavra como alteridade que o interpela e o transforma.³³

Há de considerar, na leitura da Escritura, a Graça que de cima imana e a fé que, de baixo, acolhe alargando uma visão de mundo que Hans Jonas chama de “efetiva transcendência”. “O ponto em que a interioridade transcendeativamente para o exterior e por seus efeitos se prolonga neste – este ponto é o corpo intensivo-extensivo, onde o “eu” está ao mesmo tempo em si mesmo (intensivamente) e existe em meio ao mundo (extensivamente)”.³⁴ Este encontro é uma ação e se revela na linguagem, principalmente aquela capaz “de desvendar uma dimensão simbólica que jamais poderá ser reduzida ao raciocínio conceitual”.³⁵ Na linguagem teológica, “As expressões linguísticas são mediações do ser, e no caso da religião são mediações do absoluto que se revela”.³⁶ A Igreja acredita nisso.

A Constituição *Dei Verbum*, ao tratar da revelação de Deus, traz ao leitor a possibilidade de entrar no mundo da linguagem bíblica e encontrar ali o tesouro que enriquece sua vida. Ela parte da certeza de que Ele, o Ser absoluto, se autocomunica por meio de narrativas, símbolos, metáforas e outras figuras de linguagem. A revelação é uma história que continua e se desenvolve como uma interpretação cada vez mais “verdadeira” das Escrituras. Jesus Cristo, ao ler o texto do profeta Isaias, o atualizou, isto é, colocou em ação o Espírito da letra (Is 61,1 e Lc 4,18).

É neste sentido que a *Dei Verbum* se direciona. Mais que uma hermenêutica preocupada em descobrir a intenção do autor do texto, quer apresentar um universo, uma maneira de estar-no-mundo em que o leitor, ligado à tradição da Igreja, compreenda-se nesta ação. Esta nova real-ação é, parafraseando o filósofo G. Vattimo: “mais intensa de caridade entre Deus e a humanidade, e, por consequência, dos homens entre si”³⁷

A *Dei Verbum* apresenta *o mundo do texto* orientando, com base na fé cristã, o seu encadeamento para uma vida com sentido. Esta análise vai ao encontro do

³² DV 2, 13.

³³ STEIN, E., *Essere Finito e Essere Eterno*.

³⁴ JONAS, H., *Princípio Vida*.

³⁵ TOMASSET, A., *Paul Ricoeur e a Bíblia*, p. 94.

³⁶ TOMASSET, A., *Paul Ricoeur e a Bíblia*, p. 94.

³⁷ VATTIMO, G., *Crer que se crê*, p. 45.

que observou Paul Ricoeur: “antes da coerência de um texto, vem a da história, considerada como o grande documento do homem como a mais fundamental *expressão da vida*”.³⁸ No mundo do texto, o traço principal a ser apreendido é a história da Revelação, o *Kenosis* ou, como diria Luc Ferry, na esteira de São Paulo: a “fraqueza de Deus”: “é mais forte que os homens, porque só ele é capaz de amor, amor gratuito, desinteressado”.³⁹ Esta fraqueza de Deus é a fortaleza do seu esvaziamento (2Cor 12,7-10). A “fraqueza de Deus”, ideia de Luc Ferry e Gianni Vattimo traz uma hermenêutica filosófica capaz de dialogar com a teologia cristã ao apontar para um Deus que se manifesta não pela força ou poder, mas pela *kenosis*, um auto-esvaziamento pelo amor. Essa perspectiva tem conexão com a *Dei Verbum* que apresenta a revelação como autocomunicação divina em linguagem humana. Um Deus que se aproxima, não pela imposição, mas pelo amor. Assim, a “fraqueza de Deus”, em Ferry e Vattimo, reforça a intuição da *Dei Verbum*. A revelação divina se dá, não por imposição, mas por humildade, na linguagem humana e pela cruz. Fortalece uma hermenêutica centrada na *kenosis* indicando que a força da nossa salvação está no amor.

Ele aparece por complexas formas na linguagem bíblica: narrativas, profecias, poesias, cantos, leis, provérbios, salmos de louvor, sabedoria etc., e, talvez por isso, são variados os nomes de Deus. É ele que age no desejo do povo por libertação, é a voz que sopra aos ouvidos dos escritores, é o Outro que no “eu” de Jesus Cristo descortina horizontes sólidos de esperança e amor pois, como diria Ferry: “a promessa da ressurreição libera o amor”.⁴⁰

Na *Dei verbum* há uma riqueza não só teórica, mas prática, ao adotar uma hermenêutica que motiva a crer, compreender, explicar e aplicar a mensagem divina neste mundo de fluidez: compreender o mundo da Escritura, explicar o tesouro que ali se esconde e se manifesta e aplicar seus ensinamentos possibilitando uma visão mais ampla de um mundo que anseia por salvação. Isso leva a pensar que é possível enxergar nesta *Constituição*, algumas linhas de ação que vão ao encontro dos desafios da liquidez moderna, especificamente ao relativismo existencial. Eis alguns direcionamentos sugeridos:

³⁸ RICOEUR, P., Hermenêuticas e ideologias, p.30.

³⁹ FERRY, L., A Tentação do Cristianismo, p. 64.

⁴⁰ FERRY, L., A Tentação do Cristianismo, p. 94.

1. *A Palavra de Deus como centro da vida pessoal e comunitária.* A partir do que ela revela, é possível sugerir pelo menos três ações transformadoras: 1) a *Lectio Divina*: ler a Bíblia com o coração aberto, sem preconceito e meditar no espírito que ali emana. É uma ação que favorece maior escuta, compreensão e discernimento espiritual; 2) Formação contínua em torno da Escritura Sagrada. Participar e favorecer estudos bíblicos a fim de introduzir ferramentas eficazes de exegese e hermenêutica considerando o estar-no-mundo do texto bíblico-antigo e do contexto eclesial-contemporâneo; 3) Fundamentar mais e melhor as reflexões. Para os líderes comunitários e ministros ordenados, as reflexões são importantes para se libertarem de um “sacramentalismo” que já não atendem às demandas do engajamento pastoral eficaz e duradouro. Também as celebrações exigem, cada vez mais, homilias fundamentadas na tradição e na Sagrada Escritura, atualizando a boa notícia do reino de Deus.

2. *Aprofundar e fortalecer a fé.* Enquanto reação, a fé é escolha e adesão à revelação divina: 1) É possível articular uma catequese ou discipulado que inspire e expire o Espírito Santo, dom gratuito Deus. É uma ação capaz de conduzir o fiel, não só à experiência com Cristo, mas atualizar a obra dele, ao estilo do evangelho de Lucas (4,18-20): evangelizar os que vivem sem direção, acalmar o coração dos desesperados, conduzir os que caminham na escuridão, sem nenhuma luz ao final do túnel e, não só ser escuta dos que vivem sob a opressão, mas protestar contra um sistema injusto e impiedoso que confunde, apavora, cega e oprime; 2) propor uma pastoral da escuta que refletia o próprio ser de Deus (Ex 3,7). A Igreja enquanto Corpo Místico de Cristo, é chamada a refletir a verdadeira misericórdia, principalmente aos mais necessitados. É uma atitude motivadora para os jovens numa realidade cada vez mais virtual, inchada de falatórios. Neste cenário onde *Youtubers*, *coaching* e *religiosos midiáticos* oferecem salvação imediata, escutar não é só um ato terapêutico, mas exemplo que suscita no coração desejoso da pessoa o chamado divino para a ação missionária pois, a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos (Mt 9,37); 3) fazer e possibilitar退iros que aprofundem, através da leitura bíblica, uma espiritualidade trinitária favorecendo uma ética livre de moralismos e autoritarismo impiedoso.

3. *Valorizar a Tradição e o Magistério.* Escalar o edifício dogmático, construído através da história da Igreja, não é dogmatismo, é resgatar os fundamentos deste edifício. Esta ação valoriza a integração fé e razão; teologia e filosofia; exegese e hermenêutica; estudar a Patrística, o corpo teológico dos primeiros teólogos ocidentais e asiáticos, cuja atuação no processo de formação do Cânon, foi fundamental, ajuda o crente a dialogar, criar estratégias de inculcação, evitar o fundamentalismo religioso e conquistar espaços de atuação nas escolas e universidades. Os Padres da Igreja “tiveram igualmente um papel fundador em relação à tradição viva que sem cessar acompanha e guia a leitura e a interpretação que a igreja faz das Escrituras”.⁴¹ É resgatar uma literatura que, seguramente, favorecerá uma interpretação mais responsável e eficaz da Escritura.

Este agir, considerando os desafios e demandas da Modernidade Líquida, sob a leitura da *Dei Verbum* que considera as certezas da fé, iluminada pela Sagrada Escritura, não é apenas estratégia, mas expressão viva da missão da Igreja, guardiã das verdades acerca da revelação divina.

Conclusão

A Modernidade Líquida, como bem observa Bauman, reflete na sociedade contemporânea na medida em que é marcada pela fluidez das relações e dos vínculos afetivos.⁴² Assim, não só impõe desafios significativos à sociedade em geral, mas às religiões que oferecem experiências espirituais duradouras e busca de sentido da vida. Diante deste desafio, a análise do documento conciliar *Dei Verbum*, trouxe uma justaposição teológica e antropológica, ao centralizar na Escritura Sagrada o tema da Revelação divina como esperança e amor, princípios fundamentais da fé cristã.

A Sagrada Escritura narra, em estilos literários diversos, a ação de Deus na história. No Antigo Testamento, o *Deus absconditus* e misterioso, “Aquele que é”, se apresentava pela Palavra, trazendo esperança à fé dos hebreus. No Novo Testamento, esta Palavra se encarnou, revelando-se em Cristo que, conforme a

⁴¹ PONTIFÍCIA COMIÇÃO BÍBLICA, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 87.

⁴² BAUMAN, Z., Modernidade Líquida.

tradição cristã, não promete salvação imediata ou liquidar a morte física, mas oferece, pela adesão confiante à Palavra revelada, a segurança de que o vazio, a angústia e o desespero, diante do *Deus revelatus*, não têm a última palavra. Não é apenas uma promessa, é uma certeza que ultrapassa qualquer conteúdo doutrinário; é o evento vivo de comunicação entre Deus e a humanidade.⁴³

A abordagem e análise da *Dei Verbum* reforça a ideia de que a Palavra, revelada e encarnada na história, é eficaz e continua pelo Espírito Santo atuando na vida da Igreja animando aos fiéis na busca das verdades perenes, como sentido para a vida.

Para concluir, ainda que este tema seja inesgotável, a Revelação cristã é colocada aquele que, num mundo em desatino, busca respostas sólidas para suas perguntas. Portanto, enquanto a Modernidade Líquida ou Pós-modernidade relativiza as certezas e fragmenta vínculos, a fé cristã, fundamentada na Palavra de Deus, ressaltada pela *Dei Verbum*, se firma na esperança que transcende o sofrimento e a morte. A promessa de eternidade não aponta para uma sobrevida física em algum lugar fora do planeta, oferecida por magos, enganadores e negociadores de terrenos no céu. O que Cristo garante é uma verdade revelada por Deus: “como que por milagre, há um sujeito que chega e nos promete tudo isso”.⁴⁴

A promessa de reencontro com esta verdade, não é mero consolo emocional, mas expressão da lógica do dom e da comunhão que fundamenta a antropologia cristã. Em tempos de fluxo e incertezas, a Palavra permanece como rocha firme, capaz de apontar um sentido permanente e sustentar a existência humana em sua plenitude escatológica.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. **Questões sobre o Heptateuco.** Tradução de J. Oliveira. São Paulo: Paulus, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

⁴³ RATZINGER, J., Introdução ao Cristianismo.

⁴⁴ FERRY, L., A Tentação do Cristianismo, p. 103.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BÍBLIA SAGRADA. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/mateus_1/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

BOFF, Leonardo. **A Fé na Periferia do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina**, 18 nov. 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 28 jul. 2025.

FERRY, Luc. **A Tentação do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

HABERMAS, Jürgen. **Fé e Saber**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2013.

JONAS, Hans. **Princípio Vida**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MAYET, Laurent. “Verdade”. In: **Café Philo**: as grandes indagações da filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 90-95.

MEYER, Michel. Ação. In: **Café Philo**: as grandes indagações da filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 65-72.

PONTIFÍCIA COMIÇÃO BÍBLICA. A Interpretação da Bíblia na Igreja. Petrópolis: Vozes, 1994.

PRADO, Adélia. **O coração disparado**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1978.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2005.

RICOEUR, Paul. **Hermenêuticas e ideologias**. Petrópolis: Vozes, S/D.

STEIN, Edith. **Essere Finito e Essere Eterno**. Roma: Città Nuova Editrice, 1992.

TOMASSET, Alain. Paul Ricoeur e a Bíblia: Poética e argumentação. In: MIES, Françoise (Org.). **Bíblia e Filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 89-111.

VATTIMO, Gianni. **Crer que se crê**. Petrópolis: Vozes, 2018.

VERGOTE, Antoine. Apport des données psychanalytiques à l'éxégèse. In: BARTHES, Roland et al. **Éxégèse et Hermenéutique**. Paris: Ed. Du Seuil, 1971. p. 109-173.

José Neivaldo de Souza

Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana
Docente associado ao Grupo Ser Educacional
Curitiba / PR – Brasil
E-mail: neivaldo.js@gmail.com

Recebido em: 18/08/2025

Aprovado em: 31/12/2025